

## **Viola-de-cocho e manifestações folclóricas: retratos da cultura pantaneira**

**Suzana Rozendo\***

### **Resumo**

Há mais de dois séculos a viola-de-cocho e suas manifestações relacionadas, o cururu e o siriri, têm sido fonte de diversão, alegria e religiosidade para o povo que vive em uma extensa região dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Este artigo resgata a história, o contexto cultural e o modo de fazer do instrumento, considerado patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (Iphan). Tocada pelos mestres cururueiros- ou folkjornalistas-, a viola-de-cocho corre o risco de desaparecer devido ao desinteresse das novas gerações em aprender as técnicas de produção do instrumento, por isso, algumas iniciativas nos referidos estados prezam pelo resgate cultural do símbolo das manifestações populares do Pantanal brasileiro. O texto leva em consideração os ensinamentos de Luiz Beltrão acerca da Folkcomunicação e seus desdobramentos.

**Palavras-chave:** Viola-de-cocho; Cururu; Siriri; Folkcomunicação.

### **Introdução**

A viola-de-cocho (anexo 1) é um instrumento musical singular e especial em relação à forma e à sonoridade. Encontrada em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, região pantaneira do Brasil, costuma acompanhar-se de ganzá, instrumento de fricção conhecido também como reco-reco (DIAS; VIANNA, 2003). Essa viola integra o complexo musical, coreográfico e poético do cururu e siriri, cultivado por segmentos

das camadas populares, principalmente no período de festas religiosas, como diversão e devoção a santos católicos.

No cururu só os homens participam, dois cantadores cantam e tocam a viola, acompanhados do ganzá. Assim como a viola-de-cocho, a origem do cururu tem diversas versões: “seria uma dança para rituais tupi-guaranis ou oriundo do misticismo indígena, dos ofícios jesuítas de catequese e dos negros africanos. Tornou-se conhecido nacionalmente após o espetáculo ao público folclorista Cornélio Pires, em 1910<sup>19</sup>”:

O desenrolar da festa do cururu ocorre com uma encenação tendo como personagens o rei, a rainha, o alferes da bandeira, o capitão de mastro, a juíza perpétua, o juiz perpétuo e o juiz de ramos. Os referidos personagens compõem o chamado *rainhado*, formado para cada um dos santos a serem homenageados na festa.

Cada personagem possui uma função específica. O rei e a rainha organizam a festa e levam o santo, o capitão do mastro confecciona e coloca o mastro além de carregar a coroa, o alferes da bandeira carrega a bandeira e o casal de juizes transporta os outros santos, as velas e as flores que adornam o altar. O festeiro organiza um altar dentro de sua própria casa ou no quintal. Nesse altar, feito com uma mesa de madeira para repousar a imagem do santo, também se coloca um pedaço de bambu em forma de arco coberto com tecido (CORRÊA; BORGES, 2010, p. 328).

O siriri<sup>ii</sup> é um ritmo que pode ser dançado por homens e mulheres, que formam pares e bailam em roda de fileira fazendo evoluções que lembram a quadrilha. As mulheres, trajadas de vestidos de chita, acompanham cantando e dançando na resposta das vozes masculinas. As cantorias falam da natureza, do cotidiano, dos amores e dissabores da vida. Estas manifestações são consideradas uma brincadeira ritmada, que engloba trova, música desafios, louvação, dança e diversão:

O siriri é uma festa que também apresenta, de certa forma, uma reminiscência religiosa se considerado em razão da devoção dos brincantes. Contudo, é realizado para o divertimento em festas de casamento, batizados, aniversários, durante o carnaval e em outras épocas do ano (CORRÊA; BORGES, 2010, p. 329).

A viola-de-cocho, que embala os sons do cururu e as coreografias do siriri, faz parte das manifestações folclóricas do Pantanal. Levamos em consideração que o folclore engloba todas as manifestações oriundas do povo como tal, seja em manifestações de danças, músicas, vestimentas, cumprimentos, tudo, enfim que caracterize este gesto como sendo originário especificamente da camada popular folclórica (LUYTEN, 1983).

Segundo Roberto Benjamin (2007), uma das características do folclore é a regionalidade, o que não significa dizer que os portadores da cultura folclórica vivem isolados da sociedade brasileira:

A manifestação folclórica é localizada, é própria de uma comunidade, de uma localidade, de uma vila, de um povoado; às vezes, o mesmo tipo de manifestação pode ser encontrado em localidades diferentes e distanciadas, mas a documentação e análise do fato vão mostrar que se trata de uma variante, isto é, manifestações que tiveram origens comuns, mas que foram sendo recriadas e/ou reinterpretadas em cada lugar e se diferenciaram (BENJAMIN, 2007, p.32).

A sinergia destas manifestações folclóricas com a folkcomunicação caracteriza-se pela expressão simbólica veiculada pelo povo pantaneiro como forma de demonstrar os sentimentos, os pensamentos e as atitudes típicas de sua região geográfica, que fica afastada dos centros urbanos e das grandes metrópoles. É um processo de comunicação que busca intermediar a comunicação entre culturas (MACIEL, 2011).

Beltrão (1980) ao estudar as formas e os instrumentos de comunicação intragrupal e interpessoal dominante nas regiões menos desenvolvidas do país, lembra que a sociedade contemporânea “é composta de uma imensa variedade de grupos, que vivem separados um dos outros pela heterogeneidade de cultura, diferenças de origens étnicas e pela própria distância social e especial” (BELTRÃO, 1980, p.2).

#### **Viola-de-cocho: modo de fazer**

As primeiras notícias do surgimento da viola-de-cocho datam do final do século XIX, quando um cientista alemão descreveu festas onde se dançavam o cururu em Cuiabá<sup>iii</sup>. No entanto, há quem diga que os primeiros registros são ainda do século XVIII, quando os nativos se encantaram com os alaúdes portugueses e deram um jeito de produzir uma viola também. “Assim nasceu o instrumento que é a cara de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul”<sup>iv</sup>.

Conforme evidências etnográficas, a região do alto Rio Cuiabá pode ser definida como um importante núcleo de difusão desse complexo cultural. Depois da divisão do estado de Mato Grosso, na década de 1970, surgiu o novo estado de Mato Grosso do Sul e, naturalmente as tradições culturais do cururu e siriri e da viola-de-cocho mantiveram a contiguidade espacial nos dois estados. "No Pantanal de Mato Grosso do Sul, nos centenários municípios de Corumbá e Ladário, a viola-de-cocho, o cururu e o siriri são tradições vivas, consolidadas por mestres cururueiros, artesãos e violeiros, vindos do norte de Mato Grosso" (DIAS; VIANNA, 2003, p. 13).

O nome do instrumento deve-se à mesma técnica usada para a fabricação do cocho – espécie de gamela escavada para alimentar os animais. A madeira usada na construção da viola-de-cocho é proveniente de várias espécies: para o corpo do instrumento, as preferidas são, de modo geral, as macias, mais fáceis de escavar, como a chimbuva; para o tampo, raiz de figueira; para as demais peças, o cedro. Observa-se também o uso de outras espécies de madeira, variando de região para região, de artesão para artesão:

A vontade de expressar-se por meio da música levou à confecção de um instrumento musical singular, fabricado com a matéria prima disponível naquele momento e naquele ambiente. Como primeiro passo no sentido dessa integração social por meio da expressão musical, homens simples escolheram materiais do seu entorno, independente da qualidade, valendo-se de procedimentos conhecidos, pois a madeira e o processo de fabricação assemelham-se ao modo de fazer cochos onde se depositam comidas para os animais. Tão premente foi a vontade de inserir-se ao contexto social, que esses primeiros construtores lograram a constituição de um instrumento único ao tentar copiar similares trazidos da Europa por jesuítas e outros colonizadores – já que é possível aferir que trovadores lusitanos valiam-se

de instrumentos de cordas dedilhadas na apresentação de jograis, trovas e serenatas (CORRÊA; BORGES, 2010, p. 325).

A colagem das partes da viola é feita, tradicionalmente, usando-se o sumo da batata conhecida como sumbaré ou, em sua falta, um grude preparado com a vesícula natatória dos peixes, uma pequena bexiga conhecida como poca. Os pontos (trastes) são confeccionados com fios de algodão, revestidos com cera de abelha. No passado, a maioria das violas armava-se com cinco cordas singelas, quatro de tripa de animal (macaco ou porco) e uma de aço<sup>v</sup>. No entanto, nos dias de hoje, devido aos movimentos em defesa dos animais, os cururueiros utilizam cordas sintéticas. Na ponta dos instrumentos são amarradas fitas coloridas em sinal de devoção<sup>vi</sup>. Cada cor representa um santo católico.

Não existem duas violas iguais, cada artesão tem sua peculiaridade, o seu estilo. Uma vez pronta a viola, os detalhes vão revelar a discreta assinatura de cada artesão no “braço” do instrumento. Por ser feita de modo artesanal, para construir uma viola-de-cocho são necessários aproximadamente sete dias de intenso trabalho. “Esse instrumento tem um formato curioso, aparentemente sem similar, no entanto, na Venezuela existe um instrumento com cinco cordas e mesmo formato chamado *mejorana*” (VILELA, 2005, p. 79).

A viola-de-cocho foi reconhecida como patrimônio nacional, registrada no Livro dos Saberes do patrimônio imaterial brasileiro em dezembro de 2004. Foi o quinto bem de natureza imaterial a ser registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)<sup>vii</sup>.

A construção de uma viola-de-cocho é uma atividade que congrega crenças e saberes, rituais e devoções<sup>viii</sup>, e, assim como a folkcomunicação, é um processo artesanal e horizontal: “suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa” (Beltrão, 2001, p.168). Se o artesão é uma espécie de folkjornalista, ao selecionar informações do ambiente em

que vive e retransmitir aquilo que faz sentido para seu público, mantendo uma unidade no grupo (DUARTE; BARROS, s/n), os cururueiros também o são.

As manifestações folclóricas, quando servem à informação de fatos correntes e têm como objetivo difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, são consideradas manifestações jornalísticas. Os líderes de opinião são identificados nas figuras dos cururueiros, que atuam como jornalistas, “sem se aperceberem, na maioria dos casos, da função social que desempenham” (BELTRÃO, 2001, p. 257). Neste caso, os folkjornalistas não interpretam os fatos nos moldes convencionais, preocupam-se com as necessidades do público, adéquam as informações à mentalidade dos receptores: “exageram, carregam nas tintas, acrescentam ou reduzem a ocorrência, buscando dessa forma melhor sensibilizar o seu público” (BELTRÃO, 2001, p. 257).

A manifestação da viola-de-cocho acontece notadamente no Banho de São João, em Corumbá, município a 444 quilômetros de Campo Grande, MS. Os festeiros colocam as imagens do santo em um altar enfeitado de flores, armado em cima de um andor. Ao som da viola, o mastro com a imagem do santo é levantado e em procissão, milhares de fiéis descem a ladeira Cunha e Cruz, fazem orações e acompanham apresentações de cururueiros até chegar à beira do Rio Paraguai, onde os festeiros relembram a história de João Batista e dão um banho da imagem do santo, ao mesmo tempo em que o tocam e pedem por milagres e graças. Reza a tradição, que moças solteiras, ao passarem sete vezes embaixo do andor, terão sorte em arrumar casamento<sup>ix</sup>.

O Banho de São João também é um processo de comunicação popular, passado de geração para geração pelas comunidades pantaneiras e que atrai milhares de turistas para a festa todos os anos. Com isso, possui ampla cobertura dos grandes veículos de comunicação, retroalimentando a indústria cultural: “Seja pautando matérias jornalísticas, gerando produtos ficcionais, embasando campanhas publicitárias e de RP ou invadindo os espaços de entretenimento” (MELO, s/n).

Vários historiadores pesquisam os aspectos culturais da viola-de-cocho em outras festas religiosas de São Benedito, São Sebastião, São Gonçalo, São Pedro, Santo

Antônio (CORRÊA; BORGES, 2010). “Movidos pela devoção, os cururueiros não recebem remuneração para tocar nestas festividades, algumas vezes ganham alimentos, estadia e uniformes” (CORRÊA; BORGES, 2010, p. 328).

O professor universitário Abel Santos se considera um dos responsáveis pela valorização do instrumento como patrimônio cultural do Brasil. O especialista afirma que, na história do país, a música teve grande importância por ser um meio de transmitir informações e notícias a povos afastados<sup>x</sup>.

Gushiken e Silva (2010), ao analisarem as relações socioeconômicas e políticas no Festival Cururu Siriri, de Cuiabá- e que, do mesmo modo, podemos transpor tal afirmação para o Banho de São João- afirmam que:

A relação entre segmentos sociais distintos sugere uma prática folkcomunicação em que os membros mais próximos das culturas populares, em geral moradores dos bairros periféricos na cidade em processo de metropolização, participam com suas competências dos saberes tradicionais. No mesmo processo, trabalhadores da indústria do entretenimento – comunicação, turismo, marketing, entre outras especialidades do mundo do trabalho – enquadram-se nos processos econômicos através de suas competências formais de planejamento (GUSHIKEN; SILVA, 2010, p.14).

### **O perigo da extinção**

Os poucos cururueiros que ainda existem em Corumbá relatam que aprenderam a tocar e a confeccionar o instrumento com seus pais<sup>xi</sup>, mas nos dias atuais, são raras as crianças e os adolescentes que querem aprender a técnica. Após leituras várias, verificamos que o cururu e o siriri, aos poucos, estão perdendo espaço para outras manifestações da cultura de massa, como por exemplo, o forró e o axé, atraindo a atenção das novas gerações:

Uma das maiores expressões do folclore nacional e de origem tupi-guarani, o cururu é um ritmo ritualístico que permanece vivo nos confins do Pantanal. Porém, corre risco iminente de desaparecer pela falta de renovação de cururueiros – tanto na arte artesã de fabricar a viola de cocho

como de tocar o instrumento único no mundo. Os atuais músicos, entre 70 e 90 anos, não têm herdeiros<sup>xii</sup>.

Tavares e Branco complementam essa questão e lembram o paradoxo da supervalorização das manifestações culturais:

As manifestações folclóricas após passarem pelo choque com a indústria cultural, correr o risco da extinção, serem re-significadas aos moldes da cultura de massa, passam agora por uma *supervalorização* por parte das classes hegemônicas. Estas utilizam de um discurso de tipo esquerdista, revestido de preocupações como a preservação dos saberes populares e justiça social, legitimando a incorporação das expressões folclóricas na aplicação de estratégias de comunicação- destaque aqui para o turismo- ampliando e consolidando mercados e promovendo interesses políticos e econômicos (TAVARES; BRANCO, 2009, p. 5)

Por outro lado, para além do cururu e do siriri, a viola-de-cocho tem sido utilizada em outros contextos musicais, por instrumentistas, normalmente de camadas médias, de diferentes regiões do país, que experimentam sua sonoridade em várias possibilidades. Ligado ao passado rural das populações pantaneiras do centro-oeste brasileiro, todo este patrimônio cultural busca hoje se adaptar às expressões originadas, tanto pela crescente urbanização e pelas migrações como também pela incorporação de elementos da cultura de massa:

A preservação desse bem está diretamente relacionado à transmissão da tradição artesanal e musical; à preservação da capacidade humana de aprender e apreciar musicalidades diversas e alternativas, mas compatíveis com o mercado de música popular; à difusão, por vários meios, de seu valor cultural; e também ao desenvolvimento e democratização de meios de preservação do patrimônio ambiental. (DIAS; VIANNA, 2003, p. 11)

Agripino Soares de Magalhães (anexo 2), 93 anos, é uma das referências quando se trata do folclore musical pantaneiro e é um dos incentivadores da preservação cultural do instrumento. Ele é uma das únicas pessoas vivas em Mato Grosso do Sul aptas a construir artesanalmente uma viola-de-cocho. Seu Agripino, como é conhecido na região, mantém viva a tradição dos sons regionais da viola-de-



cocho ao lecionar, em uma roda de conversa, o instrumento para alunos da Escola de Artes Moinho Cultural Sul-Americano, de Corumbá, um projeto social que atende a 300 crianças brasileiras e bolivianas, através da dança e da música<sup>xiii</sup>. Em 2010, o mestre cururueiro foi vencedor do Prêmio *Culturas Populares*, realizado pela Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura<sup>xiv</sup>.

A persistência de Seu Agripino em manter vivas suas raízes é uma forma de incentivo aos alunos do projeto onde trabalha. No Moinho Cultural Sul-Americano, a viola-de-cocho já foi inserida na orquestra do *Moinho in Concert*, que conta com a consultoria da Fundação Orquestra Sinfônica Brasileira. O espetáculo de final de ano do projeto reúne milhares de pessoas ao vivo e é veiculado pela *TV Morena*, afiliada *Rede Globo*, em Mato Grosso do Sul<sup>xv</sup>.

A viola-de-cocho também foi inserida, ao lado de instrumentos clássicos, como o violino, por exemplo, na Orquestra de Câmara de Mato Grosso<sup>xvi</sup>. Vários outros projetos de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, como o Centro Cultural da Viola-de-Cocho e o Festival Cururu Siriri, em Cuiabá, existem para preservar este símbolo cultural<sup>xvii</sup>. Para resgatar estas e outras tradições folclóricas do Pantanal, que acabam se perdendo ao longo do tempo, o *Instituto Homem Pantaneiro*- uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos- buscar angariar fundos para a criação do *Memorial do Homem Pantaneiro*, em Corumbá. O projeto está em fase de implantação e já foi aprovado pelo Ministério da Cultura .

Gushiken e Silva (2010) comenta a importância de se manter viva as tradições seculares, como a viola-de-cocho, o cururu e o siriri, além das necessidades de readequação dessas tradições nas épocas atual e vigente:

As manifestações folkcomunicacionais, portanto, precisam ser redimensionadas e localizadas no processo intenso de modernização por que passa o Brasil, principalmente pelo fato de, evidentemente, esse processo ser assimétrico por chegar de forma desigual e diferenciada a distintas classes e distintos segmentos sociais (GUSHIKEN; SILVA, 2010, p.15).

Na mesma linha de pensamento, Melo *et al* (1972), confirma que essas formas de comunicação folclóricas, em várias regiões brasileiras, não cederam ao impacto dos meios de comunicação coletiva e permanecem, lado a lado, desempenhando a sua função social, ocorrendo muitas vezes uma adequação e uma renovação em termos da realidade atual.

De acordo com Beltrão, as manifestações folclóricas, quando servem à informação de fatos correntes e têm como objetivo difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, são consideradas manifestações jornalísticas. Os líderes de opinião são identificados nas figuras dos cururueiros, que atuam como jornalistas, “sem se aperceberem, na maioria dos casos, da função social que desempenham” (BELTRÃO, 2001, p. 257). Neste caso, os folkjornalistas não interpretam os fatos nos moldes convencionais, preocupam-se com as necessidades do público, adéquam as informações à mentalidade dos receptores: “exageram, carregam nas tintas, acrescentam ou reduzem a ocorrência, buscando dessa forma melhor sensibilizar o seu público” (BELTRÃO, 2001, p. 257).

A este respeito, podemos analisar a letra de uma música de cururu, intitulada “Ladrão de Terra”, de Teddy Vieira e Moacyr dos Santos, na qual é possível verificar que não há preocupação em se manter as normas cultas da língua portuguesa, ao passo que as marcas da oralidade são mantidas:

Tinha eu catorze anos, quando deixei meu estado  
Meu pai era sitiante trabaiaador e honrado  
Por este mundão de Deus, eu dei murro no pesado  
Quando a sorte me sorria o meus plano foi cortado  
Triste notícia chegava, meu destino transformava  
Eu fiquei um revortado  
Meu pai tinha falecido na carta vinha dizendo  
As terra que ele deixou minha mãe cabou perdendo  
Para um grande fazendeiro que abusava dos pequeno  
Meu sangue ferveu na veia quando eu fiquei sabendo  
Invadiram as terras minha tocaram minha mãezinha  
Pra roubar nossos terreno  
Eu vortei pra minha terra foi com dor no coração  
Procurando meus direito eu entrei num tabelião  
Quase que também caía nas unha dos gavião  
Porque o dono do cartório protigia os embrulhão  
Me falou que o fazendeiro, tinha rios de dinheiro

Pra gastar nesta questão  
Respondi no pé da letra não tenho nenhum tostão  
Meu dinheiro é dois revorvi e balas no cinturão  
Se aqui não tiver justiça, para minha proteção  
Vou mandar os trapaceiro pra sete parmos de chão  
Embora sai uma guerra, vou matá ladrão de terra  
Dentro da minha razão  
Negar terra pro caboclo ai ai  
É negar pão pro nossos filho ai ai  
Tirá terra dos caboclo ai ai  
É tirá o Brasil do trilho ai ai  
Nóis tava de onze a onze na parada nesse dia  
O pobre é carta baixa e os rico são as mania  
Foi uma chuva de bala só capanga que corria  
Foi pela primeira vez, que o dinheiro não valia  
O baruiio acabô cedo, mim entregaram foi de medo  
Terras que me pertencia  
Na cerca de minha terra ai ai (TORNEZE, 2003, p. 37)

De certo modo, a música funciona como uma espécie de manifestação jornalística, transmitidas oralmente pelos cururueiros que se expressam com uma linguagem compreensível às pessoas da região pantaneira e reivindicam seus direitos, diante das desigualdades sociais, das evidências de que as pessoas com maior poder aquisitivo acabam tendo mais chances de ganhar as causas nos processos jurídicos e na cultura popular de tempos passados, quando os problemas eram resolvidos “à bala”.

## Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BENJAMIN, Roberto. **Folclore**. In: GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina (orgs.). *Noções básicas de folkcomunicação*- Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

CORRÊA, Antenor; BORGES, Clóvis. **Viola de cocho: da tradição pantaneira a patrimônio imaterial brasileiro**. In: *DAPesquisa*, v. 7, p. 324-336, 2010.

Disponível em:<  
[http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/edicoes\\_antteriores/7/files/2010/MUSICA-06Antenor.pdf](http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/edicoes_antteriores/7/files/2010/MUSICA-06Antenor.pdf)>. Acesso em 27 janeiro 2012.

DIAS, Letícia Martins; VIANNA, Letícia. **Viola-de-cocho pantaneira**. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2003.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Luiz Beltrão: uma vocação genuína para a Comunicação**. Disponível em:<  
<http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/luizbeltrao.documentos.htm>>. Acesso em 27 janeiro 2012.

GUSHIKEN, Yuji; SILVA, Lawrenberg. **Folkcomunicação nas relações socioeconômicas e políticas contemporâneas** In: *Revista Internacional de Folkcomunicação*, Vol. 1, No 15 (2010).

LUYTEN, Joseph. **Conceito de Folkcomunicação**. In: QUEIROZ E SILVA, Roberto P. de (org). - *Temas básicos em comunicação*, São Paulo, Paulinas/INTERCOM, 1983, p. 32-34.

MACIEL, Betania. **Folkcomunicação e desenvolvimento: uma abordagem dos estudos folkmediáticos na modernidade**. In: *Razon y Palabra*, n. 77, ago-out 2011. Disponível em: < [http://www.razonypalabra.org.mx/N/N77-1/02\\_Maciel\\_M77-1.pdf](http://www.razonypalabra.org.mx/N/N77-1/02_Maciel_M77-1.pdf)>. Acesso em 19 dezembro 2011.

MARQUES DE MELO, José. **Folkcomunicação entre mídia e cultura popular**. Disponível em:<  
<http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/luizbeltrao.documentos.htm#documento01>>. Acesso em 26 janeiro 2011.

MARQUES DE MELO, José et al - **Reflexões sobre temas de comunicação**. São Paulo, ECA-USP, 1972, p. 73-75. 151p. ilus.

TAVARES, Débora; BRANCO, Ramachandra. **A Folkcomunicação na Contemporaneidade: a Instrumentalização das Expressões Folclóricas Cuiabanas na Campanha Política para Prefeito de Cuiabá- MT**. Trabalho apresentado no GT 3 Folkcomunicação Política, Turística e Religiosa da XII Conferência Brasileira de Folkcomunicação 2009. Disponível em:<  
[http://www2.metodista.br/unesco/1\\_Folkcom%202009/arquivos/Trabalhos/36-Folkcom%202009%20-](http://www2.metodista.br/unesco/1_Folkcom%202009/arquivos/Trabalhos/36-Folkcom%202009%20-)

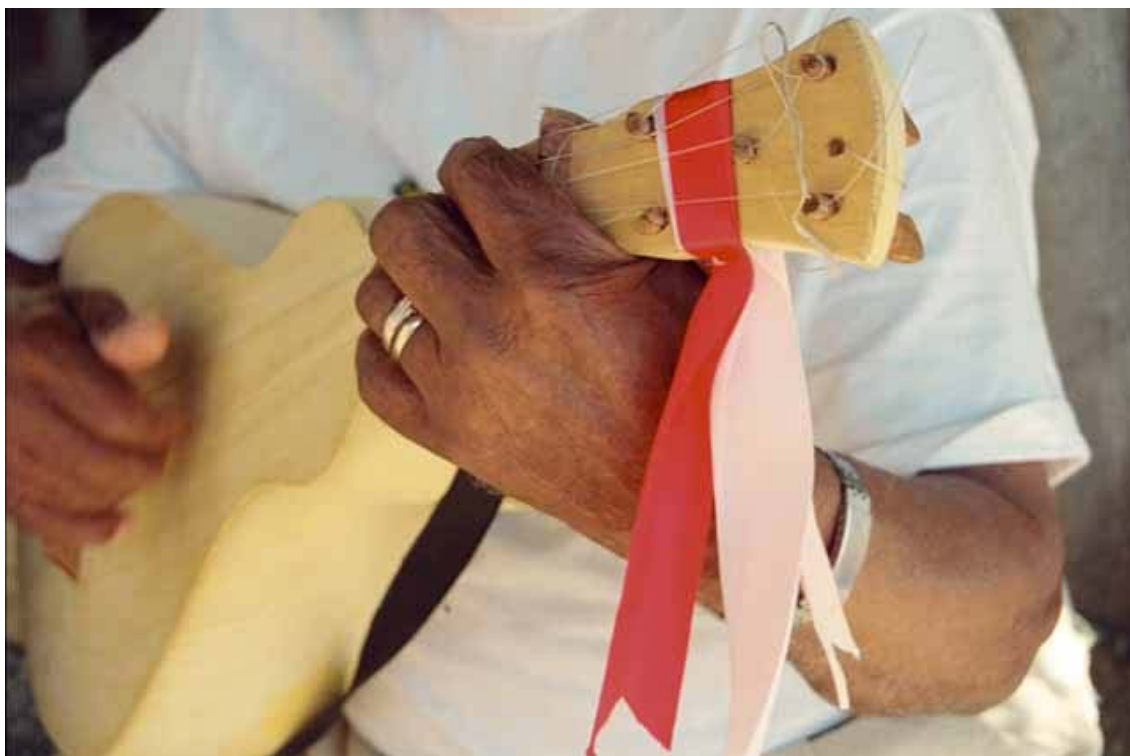
[%20A%20Folkcomunica%C3%A7%C3%A3o%20na%20Contemporaneidade%20- .pdf>](#).

Acesso em 27 janeiro 2012.

TORNEZE, Rui. **Cancioneiro de viola caipira**. Vol. 2. São Paulo: Irmãos Vitale, 2003.

VILELA, Ivan. Na toada da viola. In: *Revista USP*, São Paulo, n.64, p. 76-85, dezembro/fevereiro 2004-2005.

## Anexos



## Viola-de-cocho

Fonte: [http://mais.cultura.gov.br/wp-content/blogs.dir/1/files/teste-4/viola-de-cocho-de-corumba-e-ladario\\_ms.jpg](http://mais.cultura.gov.br/wp-content/blogs.dir/1/files/teste-4/viola-de-cocho-de-corumba-e-ladario_ms.jpg)



### **Agripino Soares de Magalhães**

Fonte: Acervo do Instituto Homem Pantaneiro

---

<sup>i</sup> Disponível em:<<http://www.revistaporanduba.com.br/folguedos-e-festivais/cururu-e-siriri-precisam-de-seguidores/>>. Acesso em 27 janeiro 2012.

<sup>ii</sup> O nome siriri advém de um tipo de cupim com asas que sobrevoa em torno das lâmpadas e, após perder as asas, procura acasalamento. A dança, então, imitaria o animal alado que em redor da luminosidade desenvolve a coreografia inspiradora dos passos da dança realizada nas festas (CORRÊA; BORGES, 2010, p. 329).

<sup>iii</sup> Disponível

em:<[http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/folBemCulturalRegistradoE.jsf?idBemCultural=z%40s1%5Bv8%3Ax3331n%5D8%3Am20752g0\\_%5B3y3p600001n%5D8%3Am209%2F\\*qrs.%3B0\\_%5Bd36\\_%4018c5551n%5D8%3Am208](http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/folBemCulturalRegistradoE.jsf?idBemCultural=z%40s1%5Bv8%3Ax3331n%5D8%3Am20752g0_%5B3y3p600001n%5D8%3Am209%2F*qrs.%3B0_%5Bd36_%4018c5551n%5D8%3Am208)>. Acesso em 26 janeiro 2012.

<sup>iv</sup> Disponível em:<<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2011/10/viola-de-cocho-patrimonio-de-ms-embala-ritmos-e-cerimonias-religiosas.html>>. Acesso em 26 janeiro 2012.

<sup>v</sup> Disponível

em:<[http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/folBemCulturalRegistradoE.jsf?idBemCultural=z%40s1%5Bv8%3Ax3331n%5D8%3Am20752g0\\_%5B3y3p600001n%5D8%3Am209%2F\\*qrs.%3B0\\_%5Bd36\\_%4018c5551n%5D8%3Am208](http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/folBemCulturalRegistradoE.jsf?idBemCultural=z%40s1%5Bv8%3Ax3331n%5D8%3Am20752g0_%5B3y3p600001n%5D8%3Am209%2F*qrs.%3B0_%5Bd36_%4018c5551n%5D8%3Am208)>. Acesso em 26 janeiro 2012.

<sup>vi</sup> Disponível em:<<http://rmtonline.globo.com/noticias.asp?em=3&n=482049&p=2&Tipo=>>>. Acesso em 27 janeiro 2012.

Nº 15

“Jornalismo como conhecimento” - São Paulo Janeiro-Julho de 2012/1 vo.1  
ANO IX - ISSN 1806 2776

<sup>vii</sup> Disponível em:<

[http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/folBemCulturalRegistradoE.jsf?idBemCultural=z%40s1%5Bv8%3Ax3331n%5D8%3Am20752g0\\_%5B3y3p600001n%5D8%3Am209%2F\\*qrs.%3B0\\_%5Bd36\\_%4018c5551n%5D8%3Am208](http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/folBemCulturalRegistradoE.jsf?idBemCultural=z%40s1%5Bv8%3Ax3331n%5D8%3Am20752g0_%5B3y3p600001n%5D8%3Am209%2F*qrs.%3B0_%5Bd36_%4018c5551n%5D8%3Am208)>. Acesso em 26 janeiro 2012.

<sup>viii</sup> Para visualizar o modo de fazer da viola-de-cocho, ver:

<<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1421631-7823-VIOLA+DE+COCHO+E+FEITA+DE+MANEIRA+ARTESANAL+NO+MATO+GROSSO,00.html>>. Acesso em 27 janeiro 2012.

<sup>ix</sup> Disponível em:< <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1205702-5598,00-DIA+DE+SAO+JOAO+E+CELEBRADO+NESTA+QUARTA.html>>. Acesso em 27 janeiro 2012.

<sup>x</sup> Disponível em:< <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1421631-7823-VIOLA+DE+COCHO+E+FEITA+DE+MANEIRA+ARTESANAL+NO+MATO+GROSSO,00.html>>. Acesso em 27 janeiro 2012.

<sup>xi</sup> Disponível em:< <http://rmtonline.globo.com/noticias.asp?em=3&n=482049&p=2&Tipo=>>. Acesso em 27 janeiro 2012.

<sup>xii</sup> Disponível em:<<http://www.revistaporanduba.com.br/folguedos-e-festivais/cururu-e-siriri-precisam-de-seguidores/>>. Acesso em 27 janeiro 2012.

<sup>xiii</sup> Disponível em:<

[http://www.institutohomempantaneiro.org.br/index.php?pag=biz\\_quemsomos&id=2](http://www.institutohomempantaneiro.org.br/index.php?pag=biz_quemsomos&id=2)>. Acesso em 27 janeiro 2012.

<sup>xiv</sup> Disponível em:< <http://www.cultura.gov.br/site/2009/07/15/premio-culturas-populares-2009-mestradora-izabel/>>. Acesso em 27 janeiro 2012.

<sup>xv</sup> Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/finalistas/2010-marcia-rolon.shtml>>. Acesso em 27 janeiro 2012.

<sup>xvi</sup> Disponível em:< [http://www.orquestra.mt.gov.br/pdf/balanco\\_2007.pdf](http://www.orquestra.mt.gov.br/pdf/balanco_2007.pdf)>. Acesso em 27 janeiro 2012.

<sup>xvii</sup> Disponível em:< <http://www.arenapolisnews.com.br/noticia.php?cod=293467>>. Acesso em 27 janeiro 2012.

<sup>xviii</sup> Disponível em: <

[http://institutohomempantaneiro.org.br/index.php?pag=biz\\_produtos\\_Historico\\_Cultural\\_listar](http://institutohomempantaneiro.org.br/index.php?pag=biz_produtos_Historico_Cultural_listar)>. Acesso em 27 janeiro 2012.

**\*Suzana Rozendo** é formada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestranda da linha Processos e Produtos Jornalísticos da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [sukirozendo@hotmail.com](mailto:sukirozendo@hotmail.com).